

DIGNIDADE E LUTA:

LAUDELINA
DE CAMPOS
MELLO

CADERNOS
DE MEDIAÇÃO
CULTURAL

IMS

A situação da empregada doméstica era muito ruim, a maioria daquelas antigas trabalharam 23 anos e morriam na rua pedindo esmolas. Lá em Santos, a gente andou cuidando, tratou delas até a morte. Era resíduo da escravidão, porque era tudo descendente de escravos.

– LAUDELINA DE CAMPOS MELLO

COMO UTILIZAR ESTE CADERNO?

Este caderno de leitura de imagens é um convite à construção de experiências sensíveis, reflexivas e significativas propondo o contato com a arte em três tempos:

1. PREPARANDO O ENCONTRO COM A IMAGEM

Antes de apresentar uma imagem a um grupo de pessoas, é essencial que você a observe com atenção. Esse olhar prévio permite que você construa alguma intimidade com a imagem e reflita sobre possíveis abordagens, considerando temas, públicos e contextos. Avalie se deseja trabalhar exclusivamente com foco nas obras aqui selecionadas ou se deseja reunir outras imagens para discutir questões específicas do projeto pedagógico que orienta a realização da leitura em grupo, lembrando que você pode utilizar materiais de apoio, como entrevistas, vídeos e conteúdos do site do IMS ou de outros repositórios de publicações.

2. DURANTE AS ATIVIDADES DE LEITURA EM GRUPO

Para preparar o grupo, uma conversa inicial ou atividade de escrita pode despertar memórias, opiniões e sensibilidades, criando conexões com o que será visto. Ao observar a imagem, incentive uma visualização cuidadosa. Com o grupo, escolha até cinco palavras-chave e, se possível, deixe-as anotadas em local onde todos possam ter acesso. Provoque os participantes com perguntas de caráter abrangente, que permitam abordagens

mais individuais e coloquem em destaque os repertórios pessoais, como, por exemplo: “O que você percebe na imagem?”, “Que informações você reconhece na imagem?”, “Como ela te afeta pessoalmente?”, “Qual o seu posicionamento diante do que você consegue ler na imagem?”. Crie pausas para escutar o grupo, levantar perguntas e aprofundar temas. Estimule a realização de registros visuais ou escritos para contribuir no processo de escuta e da troca processual e negociada de percepções, informações, afetos e opiniões das pessoas presentes.

3. OUTROS MODOS DE APROFUNDAR AS LEITURAS DE IMAGENS

Estimule produções individuais – textos, desenhos, mapas mentais – e relacione a imagem a outras obras, estilos ou artistas. Explore diferentes tipos de imagem e modos de exibição, questionando: “Onde a arte pode estar?”, “Quem define o que é arte – ou o que é beleza?”, “Que outros sentimentos, sensações e posicionamentos uma imagem pode despertar além do ‘gostar ou não gostar’?”.

Proponha a realização de diários visuais, conversas, debates e visitas a exposições. Conectar os estudantes à programação de sua cidade é uma forma de se relacionar com a cena artística local, nacional e mundial. Além de visitar o IMS e participar de sua programação de arte e educação, você e sua turma podem acessar suas plataformas digitais, repletas de outros recursos de arte disponíveis gratuitamente.

DIGNIDADE E LUTA: LAUDELINA DE CAMPOS MELLO



Lázaro Roberto, Registro da
passeata das lavadeiras,
reivindicando seus direitos, 1992.
Fotografia, 59 x 38 cm. Zumvi
Arquivo Afro Fotográfico.



A exposição e este material oferecem aos professores uma rica oportunidade para discutir em sala de aula temas essenciais como direitos trabalhistas, racismo estrutural e protagonismo feminino negro. A figura central é a ativista mineira Laudelina de Campos Mello (1904-1991), que lutou incansavelmente por dignidade e reconhecimento para as trabalhadoras domésticas.

Com fotografias, documentos, objetos e obras de artistas como Gê Viana, Rosana Paulino e Kika Carvalho, a mostra conecta a vida de Laudelina a questões históricas e sociais ainda urgentes.

Professores podem explorar este material mesmo que não tenham visitado a exposição, adotando uma perspectiva interdisciplinar, relacionando-o com conteúdos de História, Sociologia, Educação para as Relações Étnico-Raciais, Arte e Literatura, incentivando reflexões sobre a herança escravocrata no Brasil, a luta por direitos civis e a importância do associativismo negro.

O material também permite trabalhar linguagens artísticas contemporâneas, valorizando o papel das mulheres negras como protagonistas na luta por justiça e cidadania e promovendo o diálogo entre arte e política.

CURADORIA

Raquel Barreto
Renata Sampaio
Phelipe Rezende
(Assistência de curadoria)

VISITAÇÃO

*Dignidade e luta:
Laudelina de Campos Mello*
16/5 a 18/10/2026

IMS PAULISTA

Avenida Paulista, 2424,
São Paulo/SP - Brasil
Entrada gratuita.

* Exposição apresentada no
IMS Poços de 22/3 a 14/9/2025.

Terça a domingo e feriados
das 10h às 20h (fechado
às segundas).

Última admissão: 30 minutos
antes do encerramento.

Autoria não identificada, Laudelina de Campos Mello, sem data. Reprodução fotográfica. Acervo do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Campinas.



LAUDELINA DE CAMPOS MELLO

Nasceu em 1904, em Poços de Caldas (MG), menos de duas décadas após a abolição da escravidão no Brasil, e morreu em 1991, aos 86 anos de idade. Foi ativista, líder comunitária e articuladora cultural. Começou a trabalhar em serviços domésticos aos sete anos, deixou a escola para cuidar dos irmãos e, aos 16, já atuava em organizações culturais negras em Poços de Caldas. Foi condecorada com o título de Heroína da Pátria, em 2023, por suas contribuições e sua dedicação para o país na defesa da democracia e da liberdade, tendo sido a primeira mulher negra a integrar o Exército como combatente durante a Segunda Guerra Mundial. Um exemplo de sua atuação no campo da cultura foi a criação da Escola de Bailados Santa Efigênia, a primeira para meninas negras de Campinas.

Sua trajetória revela as marcas do racismo estrutural e da exclusão histórica das mulheres negras no país. Em sala de aula, sua história pode ser ponto de partida para discutir como a herança

escravocrata moldou o trabalho doméstico no Brasil, marcado por desigualdades de gênero, raça e classe.

O fortalecimento dos instrumentos de controle se reflete na legislação, que, desde o início do século 20, foi articulada para proteger os interesses dos empregadores, e não para garantir direitos às pessoas que realizavam os trabalhos. A associação entre escravidão, trabalho doméstico e população negra persiste no imaginário social de forma evidente e naturalizada em muitos contextos. Laudelina enfrentou esse cenário com organização política, educação e cultura: fundou o primeiro sindicato de trabalhadoras domésticas, lutou por direitos trabalhistas e pelo reconhecimento da categoria, organizou eventos, bailes, encontros, conversas, e, aos poucos, agregou artistas, intelectuais e personalidades políticas para apoiarem a causa. Por meio das artes, incentivou a dignidade no trabalho doméstico e a valorização da cultura negra.



AD))

Walter Firmo, *Clementina de Jesus em sua casa no Grajaú (RJ)*, 1977.
Fotografia, 42 x 60 cm. Acervo Instituto Moreira Salles/Coleção Walter Firmo.



QUE POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO, CUIDADO E REINVENÇÃO PODEM SURTIR QUANDO RECONHECEMOS O DESCANSO, A PAUSA E O ÓCIO COMO DIREITOS – E NÃO COMO PRIVILÉGIOS?

Sob a luz do sol, no quintal de sua casa no bairro carioca do Grajaú, Clementina de Jesus repousa numa cadeira de balanço. À sua direita, um pouco mais à frente, um varal com uma colcha para cama de casal balança em processo de secagem. O olhar do fotógrafo nos mostra algo mais, como se fosse uma cortina que se abre, revelando aos poucos uma cena em um palco.

A fotografia de Walter Firmo capta mais do que um instante de descanso: revela uma pausa que carrega história, dignidade e resistência. É uma imagem rara de serenidade, em uma trajetória marcada por talento, trabalho duro e muitos momentos de invisibilidade.

Também chamada de Tina e de Quelé, Clementina foi uma das principais responsáveis por popularizar o samba no país. Reconhecida por resgatar cantos negros tradicionais, tornou-se um elo fundamental entre as culturas do Brasil e da África, deixando um legado profundo na música e na memória popular.

Clementina, que exerceu a profissão de trabalhadora doméstica por décadas antes de ser reconhecida como cantora, nos lembra que o descanso, para muitas mulheres negras, nem sempre foi direito – muitas vezes, foi considerado um luxo, e negado. A imagem convida à reflexão: o que é um trabalho satisfatório? O que é direito e o que é privilégio quando falamos sobre trabalho e valor? Se trabalharmos apenas para pagar contas, conseguiremos realmente descansar?

Neste retrato, o corpo de Clementina, enfim em repouso, afirma: o descanso também é território de luta a ser conquistado e mantido diariamente. Um território onde podem caber memórias, beleza e uma ideia radical de bem-viver.

Walter Firmo (1937), que fotografou a artista em diferentes momentos de sua vida, é reconhecido pelo uso intencional e expressivo da cor, valorizando a presença e a cultura negra em sua obra. Ler suas imagens permite trabalhar os temas da identidade, memória, ancestralidade e representatividade na escola. Ao retratar o cotidiano, especialmente de pessoas negras, com dignidade e poesia, Firmo nos convida a olhar para o Brasil com mais atenção e sensibilidade.



AD))

Gê Viana, *Sentem para jantar* [da série *Atualizações traumáticas de Debret*], 2021. Colagem digital, 42 x 59,4 cm. Coleção da artista.



SE VOCÊ PUDESSE COLABORAR NA CRIAÇÃO DESSA COLAGEM, O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE INSERIR NA CENA FAMILIAR?

Na imagem, cada detalhe revela gestos de cuidado, ancestralidade e celebração da vida cotidiana. À esquerda, sobre a cristaleira, objetos ligados à fé e à proteção espiritual ocupam lugar de destaque: uma vela acesa, imagens de São Jorge e de Jesus Cristo, o frasco com remédio “cura-tudo” apontam para um cotidiano em que o sagrado se mistura ao doméstico. Dentro do móvel, a importância da arte e da memória para o grupo de pessoas reunidas à mesa se mostra na kalimba, instrumento ancestral de origem africana.

Ao fundo, pela janela, avista-se um homem negro e idoso, vestido de branco e abrigado à sombra de uma árvore: seria um preto velho como presença ancestral de sabedoria e acolhimento? Na mesma parede, à direita, o retrato emoldurado de uma mulher negra reforça a centralidade da figura feminina na construção dos afetos: a imagem mostra aquilo que não queremos esquecer.

À mesa, a fartura salta aos olhos – alimentos dispostos com abundância convidam ao encontro e à partilha. Crianças brincam e são cuidadas. Os olhares, os toques e a proximidade entre as pessoas revelam vínculos profundos, construídos no cotidiano. O animal de estimação está integrado à cena, em um ambiente de aconchego e pertencimento. A composição celebra não apenas a vida doméstica mas também a força das relações que sustentam e ressignificam esse espaço. Não há serviços, e todos cuidam uns dos outros.

Sentem para jantar, da artista Gê Viana, é uma colagem digital que tensiona as representações históricas do Brasil

colonial ao reimaginar cenas do passado com um olhar contemporâneo e insurgente. Parte da série *Atualizações traumáticas de Debret*, a obra se apropria das imagens criadas por Jean-Baptiste Debret no século 19, especialmente aquelas publicadas em *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, e as atualiza com novas camadas visuais e simbólicas.

Ao recompor uma das cenas clássicas do cotidiano escravista, Gê ressignifica os corpos negros, que antes eram retratados sob o olhar eurocêntrico. O gesto de “sentar para jantar” – que, no contexto de Debret, aludia a hierarquias raciais e sociais – é transformado aqui em um chamado à autonomia, à convivência ancestral e à reparação. Os personagens, que em Debret ocupavam posições subalternas, passam a compartilhar a mesa de forma horizontal, desafiando a lógica colonial que moldou simultaneamente a arte e a história oficial. A imagem torna-se uma reivindicação do direito à imagem e, mais ainda, do direito ao cuidado nas relações cotidianas e domésticas.

Gê Viana é uma artista maranhense que trabalha com colagem, fotografia, performance e intervenções urbanas, especialmente por meio da técnica do lambe-lambe. Inspirada por vivências familiares e por códigos afro-indígenas do Maranhão, a artista articula uma memória coletiva marcada por apagamentos, mas também por resistências e reinvenções. A colagem funciona como um convite visual: é preciso sentar à mesa da história, mas com novas presenças e vozes, onde o passado pode ser reencenado com dignidade e crítica.

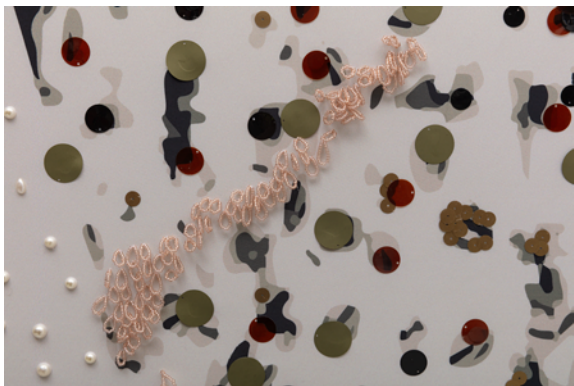


Mitti Mendonça, *Tudo que vem de nós brilha como ouro*, 2025. Sublimação (técnica de impressão que transforma tinta sólida em gás) e intervenções têxteis, 145 x 145 cm. Coleção da artista.

COMO A ARTE PODE AJUDAR A CONTAR HISTÓRIAS QUE NÃO APARECEM NOS LIVROS DE HISTÓRIA?

Em um casarão antigo, homens e mulheres se reúnem. Estão bem-vestidos, elegantes, como quem vai a um baile ou a uma festa importante. Sorriem? Estão sérios? Não podemos afirmar com certeza. Seus rostos não estão completamente nítidos, mas seus corpos estão ali, bordados com linha, pedrarias, esmero, memória e afeto. Preste atenção no nome da obra, antes de seguir a leitura.

Para fazer o trabalho, a artista Mitti Mendonça escolheu uma fotografia antiga de autoria desconhecida, tirada na década de 1950, no Clube Negro de Campinas, que ficou conhecido como Clube Machadinho. Com agulha e linha, ela bordou gestos de lembranças sobre a imagem. O bordado, que antes era coisa de casa e das pessoas mais idosas, aqui vira um gesto de resistência. Cada ponto traz uma lembrança que se recusa a esmaecer.



Detalhes da obra.

Quem eram essas pessoas? O que sonhavam?

Como dançavam? Sem a definição de seus rostos, elas se tornam espelhos e nos convidam a imaginar, a sentir, a reconhecer a beleza dos encontros e a força das histórias que não estão nos livros.

A obra remete às festas, como o concurso Pérola Negra, criado por Laudelina de Campos Mello. Eram eventos de orgulho e de valorização da beleza negra, oportunidades de vestir a melhor roupa e de ocupar o espaço com alegria e dignidade em uma época em que muitos lugares não aceitavam a entrada e a permanência de pessoas negras. Por isso, criaram os seus clubes, bailes, concursos, parâmetros de beleza, espaços de conexão, dança e liberdade. Poucas fotos restaram.

Laudelina compreendia que a luta por direitos se fortalecia na coletividade, ressaltando a importância da socialização, especialmente em um trabalho solitário como o doméstico. Valorizava os momentos de lazer social e descanso, tão fundamentais para a saúde física, mental e emocional. As ações culturais, impulsionadas por ela, como os piqueniques, proporcionavam oportunidades de lazer e união a mulheres historicamente excluídas desses espaços. Além de promover bem-estar, tais atividades ocupavam de forma pacífica os espaços públicos de uma cidade marcada pela segregação, como Campinas, última no país a abolir a escravidão.

Mitti Mendonça não deixa que essa memória se apague, costurando o passado no presente e nos lembrando da importância de celebrar como forma de resistir. Ela é artista visual, ilustradora, *designer* gráfica, curadora e produtora cultural. Em atividades escolares, sua obra – que combina bordado, pintura, colagem e ilustração digital – pode ser interessante para abordar temas como memória, ancestralidade, afeto e feminismo negro. Inspirada por álbuns de família e pelas mulheres de sua história, atualmente realiza projetos que cruzam arte, moda e educação.

O QUE FAZEMOS QUANDO ENCONTRAMOS UMA IMAGEM?

Ao concluir este percurso de leitura de imagens no contexto da vida e luta de Laudelina de Campos Mello, é essencial reconhecer o potencial dessas obras como instigadoras de gestos de escuta, afeto e crítica social na escola.

As três imagens analisadas – de Walter Firmo, Gê Viana e Mitti Mendonça – trazem camadas simbólicas que dialogam com o legado de Laudelina e com os desafios históricos enfrentados pelas mulheres negras trabalhadoras no Brasil. A obra têxtil de Mitti evoca memória, cuidado e ancestralidade; Gê Viana desestabiliza narrativas oficiais ao reposicionar corpos negros na história da vida doméstica com força e dignidade; e Walter Firmo, ao registrar a artista Clementina de Jesus em sua casa, revela a potência do cotidiano como espaço de resistência e beleza.

Essas imagens possibilitam que os estudantes acessem, por meio da sensibilidade visual, da articulação e do posicionamento crítico, os temas do trabalho doméstico, do racismo, do feminismo negro e da reparação histórica. Ao trazer essas leituras para a sala de aula, professores podem ampliar o repertório de compreensão crítica e estética dos estudantes, promovendo não só o reconhecimento de figuras invisibilizadas como Laudelina mas também a valorização de suas lutas como parte fundamental da história brasileira.

Que a imagem, assim como a palavra, possa ser ferramenta de reflexão crítica, transformação e justiça!

CRONOLOGIA LAUDELINA DE CAMPOS MELLO

1871	Promulgação da Lei do Ventre Livre.	1955	Funda a Escola de Bailados Santa Efigênia.
1888	Abolição da escravidão.	1957	Organiza o Baile Pérola Negra e o 1º Baile das Debutantes Negras.
1904	Nascimento de Laudelina, em 12 de outubro, em Poços de Caldas (MG).	1959	A escola é fechada.
1916	Laudelina começa a trabalhar como pajem da família Moreira Salles.	1960	Cria o I Salão Campineiro dos Amigos das Belas Artes.
1920	Funda o Clube 13 de Maio em Poços de Caldas.	1961	Funda a Associação das Empregadas Domésticas de Campinas.
1924	Casa-se com Geremias Henrique e muda-se para Santos. Funda o grupo cultural Saudades de Campinas.	1962	Comemora 1 ano da associação no Teatro Municipal.
1925	Nasce seu primeiro filho, Alaor.	1964	Ditadura militar. Associação foi obrigada a perder seu caráter militante.
1928	Nasce sua filha Neusa.	1968	AI-5. 1º Congresso Nacional das Domésticas. Cria creche em Campinas. Retira-se da associação por divergência ideológica.
1928-34	Vive em São Paulo e segue trabalhando como doméstica.	1970	Atua em grupo de mulheres na Vila Castelo Branco, em Campinas.
1930	Início da Era Vargas.	1972	Lei 5.859 garante direitos básicos à categoria (como férias anuais de 20 dias).
1931	Decreto 19.770 exclui empregadas domésticas da sindicalização. Funda-se a Frente Negra Brasileira.	1982	Retorna à associação, aos 78 anos.
1934	Retorna a Santos e segue como doméstica.	1985	Abdias Nascimento propõe o Dia da Empregada Doméstica.
1936	Funda a Associação Beneficente das Trabalhadoras Domésticas de Santos.	1988	Constituição garante novos direitos, e associação vira sindicato.
1937	Estado Novo fecha a associação.	1991	Morre Laudelina, aos 86 anos, em 12 de maio.
1938	Se separa do marido.	1993	Publicada pesquisa de Elisabete Pinto sobre a trajetória de Laudelina.
1939	Início da Segunda Guerra Mundial.	2013	Aprovada a PEC das Domésticas, com relatoria de Benedita da Silva.
1942	Atua na Defesa Passiva Antiaérea e na OFAG.	2020	Primeira morte por covid-19 no Brasil é de uma doméstica. Surge o movimento Pela Vida de Nossas Mães.
1943	CLT é criada, mas exclui as trabalhadoras domésticas.	2023	Nome de Laudelina é inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.
1945	Criação do Teatro Experimental do Negro.	2025	Realizada a exposição <i>Laudelina de Campos Mello: dignidade e luta</i> , no IMS.
1946	Associação de Santos é reaberta.		
1949	Muda-se para o interior de Campinas, atua como administradora de hotel-fazenda.		
1953	O hotel é vendido, muda-se para a cidade e atua no Clube Cultural Recreativo.		
1954-55	Abre pensão e vende salgados.		

REFERÊNCIAS E RECURSOS DE APOIO

Sobre a exposição:

Dignidade e luta: Laudelina de Campos Mello (IMS Poços).



Artistas: sobre Gê Viana:

“Independência do Brasil, Debret e violência colonial” - ZUM.



Vídeo com curadores:

Dignidade e luta: Laudelina de Campos Mello no IMS Poços | Abertura.



Artistas: sobre Walter Firmo:

Walter Firmo - Instituto Moreira Salles.



Recursos de Acessibilidade:

Materiais acessíveis, com leituras de textos da exposição e audiodescrição de obras.



Artistas: sobre Mitti Mendonça:

Video Poéticas negras na publicação.



CRÉDITOS

Walther Moreira Salles (1912–2001) – **Fundador**

Conselho de administração

Jackson Schneider, Janaina Damaceno, Luiza Teixeira de Freitas, Matinas Suzuki Jr. (Presidente), Milene Chiovatto, Pedro Moreira Salles e Tadeu Chiarelli

Diretoria artística João Fernandes

Diretoria de educação Renata Bittencourt

Diretoria de pessoas Fabio Armani

Diretoria executiva Jânio Francisco Ferrugem Gomes

Diretoria-geral Marcelo Mattos Araujo

Cadernos de mediação cultural

Área de Educação IMS

Organização Renata Bittencourt

Concepção, pesquisa e textos Valquíria Prates e Janis Clémen

Produção editorial Núcleo Editorial IMS

Projeto gráfico Estúdio Daó (Giovani Castelucci e Guilherme Vieira)

Revisão de textos Livia Azevedo Lima

Digitalização e tratamento de imagens Núcleo Digital IMS e Pigma

Acessibilidade Victória Oliveira

Audiodescrição Sentindo os Sentidos (roteiro: Claudia Guarnieri, consultoria:

Lara Souto, locução: Layana Cattoni)

Libras AHU - Acessibilidade Humanista Ltda.

Esta publicação foi impressa pela gráfica Pigma em maio de 2026 sobre papel Ofsete 120 g/m² e utiliza a fonte Mona Sans, de Deni Anggara.

Este material é distribuído gratuitamente. Não pode ser comercializado.

Tiragem 2.000 exemplares impressos.

ISBN 978-65-88251-43-0



Trabalho sim,
mas com direitos.

– LAUDELINA DE
CAMPOS MELLO

CADERNOS
DE MEDIAÇÃO
CULTURAL

Os cadernos têm o objetivo de provocar o pensamento sobre questões contemporâneas das artes, da cultura e da sociedade, incentivando a presença da imagem na sala de aula como campo de leitura, reflexão crítica e criação. Voltados a processos dialógicos, os cadernos apoiam professores, educadores e mediadores culturais em práticas formativas, podendo ser usados como recurso acessível em contextos de mediação cultural.

IMS